

Vitória do Grêmio: mais 38 novos colegas

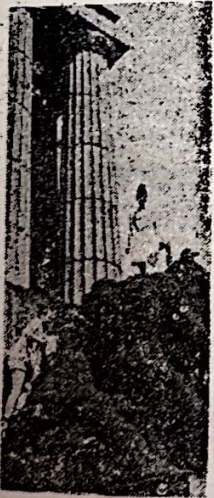
NÃO VAI BEM O DEPARTAMENTO DE MECANICA

(Leia na pág. 4)

o politécnico

N.º 72 — MAIO DE 1964

Trote:
tradição
politécnica



Nada mais tradicional nas universidades brasileiras do que o trote. Singular recepção àqueles que conseguiram ingressar nos cursos superiores, onde o grotesco se alia ao humorístico. Este ano, o tradicional trote politécnico teve uma finalidade fundamental: arrecadar fundos para a Campanha Paulo Souza, a mais antiga campanha de alfabetização de adultos realizada por universitários.

E como sempre, não faltou a "viuva alegre", aqui posando num feliz flagrante para a posteridade, após a árdua escalada da estatueta a Ramos Azevedo, na av. Tiradentes.

(Leia na pag. 11)

Aí
vem
a
II
Poli-Fei

479



Mais uma vez contamos com a nossa fiel torcida para a Poli-Fei que se aproxima. Já por duas vezes fomos derrotados em competições universitárias, quando tínhamos tudo para vencer. A torcida sofre, capuro e desta vez precisamos mais do sucesso. A torcida sabe, como brinde, a conquista da vitória.

Recepção
&
Inauguração



Realizou-se em meados de março, nos salões de festas do GRÊMIO, um coquetel, com que os alunos recepcionaram o corpo docente da Escola Politécnica por ocasião da passagem do 70.º aniversário da mesma.

Compareceram o DD. Diretor da Escola, prof. Tharcysio Dany de Souza e senhora, assim como o prof. Wilson Cavazzalle. A festa teve também a finalidade de inaugurar as novas dependências sociais do GRÊMIO, que passaram por completas reformas.



O Disciplina 73, Química Tecnológica Geral, é considerada pela grande maioria politécnica como uma das mais organizadas e eficientes de todo o currículo da escola.

O Politécnico, continuando a sua progamação de entrevistas a professores da Escola, apresenta hoje aquela realizada com o prof. Giovanni Brunello, responsável pela Disciplina de QTG.

Tentamos deste modo dar aos colegas uma visão dos problemas por que passa a Escola, assim como também as peculiaridades de cada Departamento, sua organização e suas finalidades na formação profissional do engenheiro. Existe vários departamentos na Escola que pecam pela falta de organização enfim, pelo baixo nível de ensino didático.

Queremos desta maneira, através deste jornal, colocar juntamente com o prof. responsável pelo Departamento em questão, as causas, os motivos que determinam esta ou aquela orientação.

(Leia na pag. 4)

..Combatemos durante 30 anos contra essa gente e con...

BRASILIA, 25 — Emenda constitucional com o objetivo de eleger, pelo Congresso...

A EMENDA

A emenda tem a seguinte redação:

«Art. 1.º — Em 3 de outubro de 1965, serão eleitos pelo Conselho Nacional, na forma da lei, o presidente e o vice-presidente da República, que exercerão o cargo por um ano.

Parágrafo único — Os senadores eleitos em 3 de outubro de 1966 terão mandato de quatro anos.

Art. 3.º — Em 3 de outubro de 1970, e, a partir daí, as eleições, pelo voto direto, do presidente e do vice-presidente da República, será realizada simultaneamente com as eleições dos senadores e deputados estaduais, bem como dos prefeitos e vereadores e todos os mandatos terão duração de cinco anos.

Estado de S. Paulo, 26/5/64

A Folha procurou ouvir a opinião do prof. Paulo Duarte, um dos elementos que mais trabalharam para a criação da USP, cujos destinos tem sempre acompanhado atentamente.

Para ele, a Universidade foi comprada pela Politécnica e invadida a Faculdade de Filosofia de São Paulo depreendendo materialmente a maioria dos professores e alunos. Desta expedição punitiva, e isto é que dá rancor mais vitados à tragédia, fizeram parte alunos de outras escolas superiores e «play-boys» recrutados que não toleram a Universidade, porque, embora ricos e bem postos na vida, não tiveram capacidade de transpor-lhe as soleiras. Desgraçadamente a Universidade não aproveitou a energia necessária. No momento era necessário protestar. Mas há momentos em que os homens que ocupam certos cargos têm obrigação de correr quaisquer riscos. Muitos estabelecimentos tiveram animo de mandar uma adesão entusiástica aos vencedores. Mas, não tiveram para levantar o grito de revolta contra os atentados que se começaram a praticar contra a Universidade e escolas superiores do interior o que seria um ato muito mais digno

e elevado de colaborar com o governo, disposto a restaurar este país pilhado, do que uma simples capitulação servil ao vencedor.

«Quem pôde assistir indiferente ao que aconteceu em Rio Claro ao professor Kerr, um dos mais reputados biólogos do mundo e um dos melhores e mais dedicados professores de Biologia em nível universitário? Pelo arbítrio de um delegado, passou onze horas na cadeia, sem ser ouvido nem alimentado. E o prof. Kerr é o diretor executivo da Fundação de Amparo à Pesquisa, nunca foi comunista e constitui raro pátrio de professor em nosso meio universitário.

«O que se sabe é que muitos especialistas nossos estão tentados a aceitar os convites que os centros científicos do estrangeiro lhes estão mandando. E mesmo professores estrangeiros, ante um espetáculo como o da detenção do prof. Kerr, passam a considerar o retorno às suas universidades.

Folha de S. Paulo, 26/5/64

Nove alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil foram expulsos. Na Faculdade de Direito querem expulsar cerca de cinquenta estudantes. Trata-se de uma violência inadmissível, como na negra época inquisitorial de Saragoça e Compostela. A pena mais grave cominada no Ato Institucional para atos subversivos e de malversação de dinheiros públicos é a suspensão, por dez anos, de direitos políticos. Excluído dos cursos superiores, rapazes e moças mal saídos da adolescência, estará o Governo condenando definitivamente a uma situação de inferioridade na luta econômica pela vida. E sem apelação, sem defesa. A condenação desta forma, é o crime que se dá aos céus.

(Correio da Manhã — 20-5-64)

A PARTILHA

AÇÃO DA POLICIA

A COMISSÃO E A "HISTORIA NOVA"

Alé o nome do sr. Magalhães Pinto figurar em algumas das relações dos governadores cujos mandatos seriam brevemente cassados. O sr. Magalhães Pinto é reconhecido, com prática unanimidade, como o principal líder da vila da Revolução; nem isso estranha, e colocou a salvo do dissabor de ser apontado como provável vítima.

Ontem grupos de populares enfurecidos descarregaram sua colera sobre os policiais que se encontravam no estádio ou nas proximidades. Quatro soldados e um sargento foram mortos pelos populares. Um dos soldados foi estrangulado com sua própria gravata. Segundo notícias que circulam em Lima a polícia abriu fogo contra a multidão em varias dependências do estádio, tentando res abelocar o sr. em. O chefe de polícia de Lima declarou que os soldados não fizeram uso de suas armas mas os jornalistas encontraram no estádio dezenas de capsulas usadas de calibre 38 e 39, que correspondem ao armamento da polícia. Outro elemento que enfureceu a multidão, reside no fato de alguns policiais terem agitado os cães azeiteiros contra o povo. O corpo de um dos cães foi encontrado

na rua, quase carbonizada, e sem cabeça. «La Prensa» declarou em sua edição de hoje que pelo menos cinco pessoas foram mortas a tiros no estádio. Declarou também que vários cadáveres recolhidos aos necrotérios apresentavam nas costas perfurações semelhantes às produzidas por balhetas.

A polícia anunciou que uma mulher, que se encontrava nas arquibancadas, deu à luz no momento em que explodiram as primeiras granadas de gás lacrimogênico. Posteriormente não se teve qualquer notícia da mãe nem da criança.

Estado de S. Paulo, 26/5/64

RIO, 16 (FOLHA) — Designado para integrar, juntamente com os professores Pedro Calmon e Celso Cunha, a comissão que examinará a «História Nova» publicada pelo Ministério da Educação, durante o governo passado, o professor Helio Avelar declarou que ainda não leu o livro mas que, pelas referências que ouviu a seu respeito, pode constatar que a publicação é uma deturpação vil do que possa ser história.

«Pelas informações que tenho — acrescentou o professor Helio Avelar — as deturpações contidas na «História Nova» são de caráter deliberado, como ocorre, por exemplo, no volume intitulado

«Da Independência de 1822», no qual o autor deixou claro o seu propósito de insinuar a existência de uma outra independência portuguesa.

O professor Celso Cunha, por seu turno, estranhou que tivesse sido designado para a comissão, pois é professor de português.

«A menos — frisou — que a «História Nova», que ainda não li, também contenha erros de gramática.

O terceiro indicado, o leitor Pedro Calmon, que também não leu a obra, disse ter sido informado de que ela apresenta uma interpretação materialista e absurda dos fatos históricos.

Folha — 16/5/1964

pontos de observação

Luprécio Camões Pires

Antes de iniciarmos o editorial de hoje (que é de ontem) somos obrigados a algumas desculpas aos colegas pelo atraso do Politécnico. O que era para ter saído dias antes nós que marcamos as datas das crises políticas brâmas sai do prelo. Muita matéria atrasada, notícias e clichês do passado, mas que não podíamos deixar de publicar, constitui enfim o primeiro O Politécnico do ano de 1964.

Esperamos com esse numero voltarmos à programação do Departamento de Imprensa do Grêmio, com a regularização nas publicações do jornal.

Que os colegas nos compreendam, porque não somos nós que marcamos as datas das crises políticas brasileiras.

No momento em que o Grêmio Politécnico escolhe nomes para batizar mais três escolas de alfabetização de adultos, que integrarão a maior campanha universitária neste setor, a Campanha Paula Souza, lembramo-nos do nome de Luprécio Camões Pires, ex-redator-chefe de O Politécnico e um dos maiores batalhadores pela construção da Casa do Politécnico.

Para quem lê a coleção do jornal, depara pela primeira vez com o nome de Luprécio na edição de outubro de 1953 (n.º 17), quando dirigia O Gamela. Logo no numero seguinte, Luprécio já era redator-chefe, em novembro de 1954, exercendo essa função até março de 1956 (n.º 32). Para quem vê a irregularidade com que sai o jornal, existe um grande contraste com a gestão de Luprécio: em dois anos conseguiu tirar 14 numeros de O Politécnico! Foi uma façanha notável, mas que deixou em Luprécio suas marcas. Logo depois era obrigado a trancar matricula na Escola para tratamento de saúde, vindo a falecer no ano passado, vítima do mal que flagela os países subdesenvolvidos: a tuberculose.

Da vida de Luprécio no jornal tiramos estes trechos como homenagem a aquele cuja lembrança sempre nos acompanhará.

"É comum ver-se o MEDO de que são possuídos numeros alunos em participarem da vida do GRÊMIO. Acreditam que qualquer minuto dedicado à SUA associação é um minuto perdido. Afinal de contas não entendem a razão da existência do GRÊMIO e a sua inestimável utilidade".

"E não é falta de assunto, não. Porque vemos a todo instante críticas e comentários sobre coisas da Escola. Sobretudo, ouvimos muitas queixas e às vezes nos dizem: — Olhe, faça um artigo "metendo o pau..." — e ao retrucarmos: Por que não o faz você? — ouvimos logo a resposta: Ah, eu não... ou não... Ora, colegas, assim não é possível. Assim não teremos um jornal dos alunos da Escola. Teremos apenas um jornal da equipe de O Politécnico e, convenhamos, será um grupo bem restrito".

"Só desta forma teremos um jornal dos politécnicos. Enquanto isto não acontecer O Politécnico será como que um porta-voz de uma minoria a qual embora tenha procurado sempre estar com a opinião geral dos alunos da Escola, nem sempre poderá conseguir agradar a todos".

"Mas, estamos a fugir do assunto. Quizemos acima provar a utilidade, o "lucro" de quem participa na vida do GRÊMIO; entretanto o assunto de hoje é sobre o que chamariamos de "gôzo indevido", por muitos alunos, das vantagens que o GRÊMIO oferece. E isto cabe muito de culpa ao artigo dos Estudantes de 1936, que faz de qualquer aluno da Escola um sócio, não exigindo em troca de seu direito, nem um dever além do pagamento da suaidade. E vemos o desinteresse tremendo de inumeros colegas que não se pejam de vir buscar o jornal, a revista, comprar apostilhas ao preço de custo e também livros, frequentar a sede social, usar o restaurante e o bar, gu-

Podemos conceituar desenvolvimento econômico e social como processo que possibilita a uma determinada coletividade o aumento de sua produção por capita, de forma a haver incremento na quantidade de bens e serviços colocados a sua disposição, num aumento crescente do poder aquisitivo dos participantes na produção.

O rompimento, por parte de uma economia subdesenvolvida, da estagnação em que está situada, só se dá mediante a acumulação de capital e a disposição da tecnica a ser aplicada, de conformidade com o estágio econômico e social. O crescimento de uma economia já plenamente desenvolvida, só se verifica com a descoberta e aplicação de novas técnicas, desdobrando-se a economia noutros setores para exploração.

Uma economia plenamente desenvolvida caracteriza todas as suas potencialidades já exploradas, com a utilização da tecnologia conhecida em determinada época. Assim, condicionam-se tres fatores à produção: recursos naturais, tecnica e capital. Evidentemente, estas tres condicionantes se colocam em dependência das condições do País; uma economia poderá ser subdesenvolvida dispondo de recursos naturais e tecnica, sem possuir o importante terceiro fator, o capital.

Com esta introdução rapida e não muito insistida nos conceitos que emito, situar o Brasil no panorama internacional,

Tecnologia

e

Desenvolvimento

Nacional

em função destas tres coordenadas, é condição para o tema ser desenvolvido, que alias é oportuno ao Engenharia a quem é atribuído importante papel no desenvolvimento nacional.

Não possui o Brasil ainda uma ideologia do desenvolvimento, compreendida como interpretação historica segura de sua realidade, da qual decorram diretrizes de ação pratica como resposta a solucionar os problemas que se lhe colocam na época. Por outro lado, situa-

do em 1966 como país subdesenvolvido, cuja unica produção de vulto e sensível em sua economia era o café, sofreu a partir daquela ano um processo de desenvolvimento baseado num programa de metas governamentais que, embora tivesse despertado a consciência nacional para uma confiança na capacidade da Nação de desenvolver-se e marcado novos caminhos para a historia brasileira, foi incapaz de controlar e ajustar o programa governamental à iniciativa privada, que nortearia o processo de desenvolvimento. Resultou, portanto, um processo de desenvolvimento desajustado da realidade e acéfalo. Isto é sem uma filosofia capaz de definir os objetos do desenvolvimento global da Nação. Tem-se, então, a considerar as potencialidades naturais a serem exploradas, a tecnologia não preparada em termos nacionais para aplicação e a existência de capital misto, nacional e estrangeiro, investido em território nacional.

O avanço tecnico verificado no Brasil apegou-se à importação de outros países da tecnologia moderna do setor industrial, cujas patentes muito oprimam o tesouro nacional, alem de estar se aplicando técnicas oriundas de países onde são outras as condições estruturais e sociais, para as quais preferencialmente criaram-se. Carece portanto Brasil de tecnica propria baseada em seu desenvolvimento. Urge, pois, a investigação e descoberta de novas técnicas, destinadas à exploração para os institutos de pesquisa e universidades brasileiras. Tem sido a preocupação dos estabelecimentos de ensino superior no Brasil, e suprimento do mercado de trabalho do setor industrial, principalmente engenheiros e economistas. Há a necessidade do universitario atender para este importante setor profissional, nascente nas Universidades brasileiras mas preponderante no desenvolvimento da Nação, que é a pesquisa de novas técnicas a serem aplicadas em nossas áreas, tecnica propria de nossas condições para nossa condição, que alivia o tesouro nacional das patentes e que melhor atenda aos problemas regionais, estudadas em consideração a todos os aspectos que envolve, politicos economicos e sociais.

Fundada Avulso de Avulso

481

DESCONTOS ESPECIAIS PARA ESTUDANTES
VENDAS TAMBÉM PELO CREDITO

ENGENHEIROS

AGROENGENHEIROS

ARQUITETOS

DESIGNISTAS

PINTORES

Papeis estrangeiros

Estojos - Compassos

Mesas - Régulas de Cálculo

Reguas de Cálculo

e demais artigos de melhor qualidade e preço



POLITÉCNICA PAULISTA
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO COMÉRCIO
RUA SANTA IFIGÊNIA, 80 86 - TEL. 24-4705 - JARDIM AV. 1909

zar dos bailes e festividades que o GRÊMIO promove e outras vantagens".

"E agora, no momento em que terminamos essa grande obra que é a CASA DO POLITECNICO nós nos perguntamos se será lícito nela morarem dela gozarem todas as grandes vantagens todos os que são indiferente ao GRÊMIO.

Parece que o caso já não se trata mais de uma obrigação para com a associação, mas uma prestação de contas a todas as gerações de politécnicos que se sacrificaram, que lutaram, para que o morador da CASA tivesse o que terá.

Assim, fazemos um apelo para que, por ocasião da feitura do regulamento da CASA DO POLITECNICO, se coloque um item especial, tornando obrigatorio uma contribuição em trabalho para o GRÊMIO de todos os seus moradores.

Será, já dissemos, um reconhecimento às gerações passadas pelo privilégio de gozar uma regalia que o GRÊMIO conseguiu".

Assim era Luprécio. Nossa saudade, gratidão e respeito em sua memória.

CRISE

NO

DEPARTAMENTO

DE

MECANICA

Causou estranheza e preocupação, principalmente aos alunos de engenharia mecânica, o súbito esvaziamento do corpo docente do referido curso. Nada menos que 11 professores, dentre os quais muitos de alto gabarito, se demitiram ou foram demitidos, em pouco tempo, tendo sido contratados, em contrapartida, apenas alguns poucos, desconhecendo-se os critérios para tais falas.

É interessante notar que muitos dos que saíram não se afastaram da escola, havendo apenas uma migração de departamento!

É o caso dos professores Chiaverini, Enio, Landi, Cardeno, que passaram respectivamente para os departamentos dos cursos Civil, Químico, Física e Física.

A crise culmina agora com a saída do professor Nelson C. Gil de Oliveira, soberbamente conhecido por sua grande dedicação, capacidade e didática.

Quais as possíveis razões de tais acontecimentos?

Alegam alguns a falta de estímulo e a impossibilidade de realização pessoal devido a um tipo de estrutura arcaica que praticamente impede aos assistentes fazer carreira como professores universitários.

É evidente que a profissão de professor só atrai se houver, ao lado de uma compensação financeira razoável, uma possibilidade de ascensão nos degraus do magistério. A atual compensação é ridícula considerando-se que as ofertas das indústrias ultrapassam por vezes a mais do triplo dos seus vencimentos.

Talvez alguns professores ainda se mantenham na escola exclusivamente devido a um idealismo desmedido ou a uma sensível incapacidade profissional.

Alegam outros que é condição indispensável a um aprimoramento científico da cadeira possibilidades concretas de pesquisa por parte do corpo docente. Sabe-se de alguns professores que julgando para isto ser necessário obter tempo integral tiveram seus pedidos injustificadamente adiados pela direção da cadeira.

Outra deficiência seria apontada é a falta de condições materiais de ensino. É o caso da reclamadíssima sala de projetos que teve até contribuição pessoal de professor e que, até hoje, não foi concretizada.

Enquanto isto, providências estranhas são tomadas como, por exemplo, cercar o departamento por motivos ignorados...

Por outro lado o problema das verbas é bastante grave. Na Universidade de São Paulo, a Escola Politécnica é uma das que menos gasta per capita. E a direção da escola, e que fez? Será que ela se orgulha disto? Se isto acontecer é lamentável quando se vê os departamentos à espera de material e os professores com máus salários.

Espera-se por parte dos responsáveis que providências urgentes sejam tomadas no sentido de se levar a bom termo a solvência de tão grave problema.

OS ALUNOS DO CURSO DE MECANICA.

ARTIGOS ESCOLARES

MATERIAIS PARA DESENHO

PAPELARIA TRÊS RIOS

RUA TRÊS RIOS, 114 — TEL.: 32-4928

NOTÍCIAS

Associação

de

Engenharia

Mecânica

É fato inegável que a evolução do mundo atual está subordinada ao desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, avanço tão prodigioso que tem feito o homem perder a perspectiva do conjunto, e não permitir a criação a tempo dos valores espirituais que devem corresponder a esse progresso. O homem tem esquecido a finalidade suprema da evolução científica e técnica, transformando-a em fim, quando na realidade não passa de um meio para se obter o bem estar do próprio homem. A Ciência e a Técnica devem estar a serviço do homem.

A luz deste comentário temos julgado a necessidade de integração do estudante em dois setores que a Escola não tem podido abranger como devia ser: o da Tecnologia e o Social.

A técnica é problema sério do estudante que se preocupa em ser um bom engenheiro — em se entrosar o mais rapidamente no meio industrial.

A Associação de Engenheiros

Mecânica tem com este objetivo promovido estágio, e visitas para uma ambientação com problemas técnicos; criação de bibliotecas com livros e revistas para uso dos mecânicos, além de exibição de filmes e palestras.

A atual Diretoria julga tratar de maior interesse o problema da integração social do estudante entrando em contato com as indústrias, com os ex-alunos, com os professores, com operários, com a realidade econômica e verificando quais são realmente os problemas que existem neste meio e dificultam o desenvolvimento econômico do País.

São os contatos objetivos com a realidade que fazem encarar os problemas sob outro prisma mais prementes do nosso meio.

A participação nos departamentos, nos ciclos de conferências, são fatores que fazem vida solidária e trabalho criador, formando homens conscientes do papel que devem representar no País.

A Executiva Nacional dos Estudantes de Engenharia é o órgão que congrega as escolas de engenharia do Brasil.

Em princípio tem a função de promover o progresso do ensino de engenharia e estudar os problemas de economia e da política brasileira que dizem respeito à engenharia.

A EXECUTIVA LHE OFE RECE entre outros, projetos, os seguintes:

1 — Material de demonstração — A executiva coletará material para demonstrações práticas, como por exemplo amostras de rebolos, slides metalográficos, etc. Isto é importante porque as aulas em geral são cansativas e pouco se grava das palavras escritas ou faladas.

2 — Um estudo dos problemas do engenheiro recém formado. Quais as especialidades mais procuradas. Se o programa das escolas de engenharia é ou não atualizado. Quais as

necessidades da indústria.

3 — Intercâmbio entre as escolas de engenharia. Há muitas experiências e estudos feitos por outras escolas, de que podemos tirar proveito. Um exemplo é o questionário feito pelo Mackenzie para os engenheiros recém-formados.

4 — Promoção de estudos sobre problemas atuais de engenharia, para que possa haver discussão baseada em argumentos científicos e racionais.

5 — Intercâmbio de apostilas. O Ceará por exemplo necessita urgentemente. Algumas outras escolas poderão possuir apostilas de que nós precisamos.

Porisso COOPERE. Se você tiver esta mentalidade de executar prontamente as resoluções tomadas, a executiva tem um cargo para você.

Para mais informações fale com Camargo na C. U. ou com Tiede na Velha Poli.

A 482

Executiva

CENTRO

DE

ENGENHARIA

NAVAL

No momento, é sem dúvida o que está melhor aparelhado. Cada um trazendo sua colaboração, a coisa ficou fácil. Era preciso entre-anto que o Grêmio tomasse iniciativa de pedir junto à Administração da C. U. a colaboração no sentido de uniformizar para melhor o barracão dos Centrínhos que apesar de provisório, são muito úteis.

Também resultado da União

dos Navais, vai cada vez melhor o quadro mural com bons artigos e muitas fotos.

Quanto aos esportes: no futebol temos uma chance aos civis de disputarem o primeiro lugar, não sem antes derrotar todo nosso poderio derrotando os electricistas. Quanto ao resto, vem aí o esquetão hepático do Centro de Engenharia Naval (CEN da CU).

1 - Como se explica a ótima organização da Q.T.G., en-
quanto que outros departamentos da Escola são mal estrutu-
rados?

2 - Qual o índice de aprovação na disciplina?

3 - Como se estrutura a disciplina?

Creio que isso deve ser atribuído à dedicação do corpo do-
cente e ao fato de grande parte dele trabalhar em regime de
dedicação integral. Meus colegas e eu ficamos muito satisfeitos
em saber que os alunos consideram a Q.T.G. bem organizada.

O índice de aprovação na disciplina é de 75 a 80% em rela-
ção ao número total de alunos que se inscrevem.

A disciplina "Química Tecnológica Geral" é uma das cinco
disciplinas da cadeira n.º 7, "Fundamentos de Engenharia Qui-
mica", que, por sua vez, faz parte do "Departamento de En-
genharia Química". O professor catedrático da cadeira n.º 7
é o Prof. Theodoro de Arruda Souto. As aulas de Q.T.G. são
ministradas por meus colegas Livre Docente Horácio
Monteiro Pinheiro, Eng. Jacon B. C. Piccolini, Eng. Vic-
tor Abou Nehmi e Eng. Teófilo G. A. Gaudi. Os diversos
assuntos são distribuídos entre os professores acima, conforme
a especialidade de cada um. Cada assunto de teoria e exer-
cício é lecionado pelo mesmo professor a todas as turmas. Nas
aulas de laboratório cada turma tem sempre o mesmo professor.
Todas as decisões importantes são tomadas em reuniões do cor-
po docente.

Sim! Todo engenheiro lida continuamente com materiais.
Portanto, deve conhecer suas propriedades, saber o que ocor-
re em determinadas condições e poder escolher materiais pa-
ra novas aplicações. Isto somente é possível se se conhece co-
mo são obtidos, qual sua composição e, principalmente, as pro-
priedades de sua estrutura. É isto que a Q.T.G. procura ensinar
a seus alunos.

O curso é todo postulado. As postilas existentes são revis-
tas periodicamente com a finalidade de atualizá-las e tornar
mais claros pontos onde os alunos encontraram dificuldades.

Sua principal preocupação é dar aos alunos um curso que
lhes seja realmente útil quer em disciplinas posteriores, quer
diretamente na vida profissional. Além disto, o corpo docente
trabalha bastante em pesquisas pois só assim pode sentir mel-
hor o que ensina. Na cadeira n.º 7 já foi publicado 98 tra-
balhos de pesquisa, dos quais 11 no estrangeiro.

Não! Há grande falta de espaço, de técnicos e de aparelha-
gem. Há vários anos a cadeira tem seus planos prontos para
as novas instalações, na Cidade Universitária. Por outro lado,
tem feito todo o possível para conseguir aparelhagem e pessoal.

O regulamento não o permite.

Sim, mas isto é possível apenas para os alunos da discipli-
na n.º 74.

Acredito que a presença de um ou dois alunos desses órgãos
é importante para um melhor entendimento entre os corpos do-
centes e discentes; permite que os alunos tomem conhecimento
do funcionamento da Escola e fazem sentir seus desejos e difi-
culdades. Por outro lado, entretanto, creio que a participação
dos alunos deve se limitar a isto, deixando a direção da Escola
a cargo de seus professores.

Creio que sempre haverá uma influência da situação econô-
mica dos alunos nos resultados dos vestibulares, mas a situação
tenderá a melhorar com a elevação do nível de vida da popu-
lação. Providências que poderão trazer bons resultados são a
criação de 3.ª série do curso colegial anexa às Faculdades, como
já está sendo estudada, e a concessão de bolsas aos bons alunos
em má situação econômica.

Sou favorável à frequência obrigatória em nível nunca infe-
rior ao atual. É na aula que o professor deve explicar as par-
ticularidades da matéria e discuti-la com os alunos de modo a
tornar seu estudo mais fácil.

Não há dúvida que é difícil conciliar as duas coisas. Estes
alunos devem ter o bom senso de seguir, em cada ano, apenas
o número de disciplinas em que podem ser aprovados. É neces-
sário que se consigam bolsas e financiamentos do estudo para
os bons alunos.

A estruturação de cada Faculdade em departamentos traz
uma série de vantagens; assim, por exemplo, permite uma me-
lhor entrosamento dos professores de cada especialidade, resul-
tando um curso mais uniforme e contínuo e um melhor apro-
veitamento do material, dos livros e dos funcionários.

4 - Acha a disciplina indispensável para todos os cursos?

483

5 - Em relação às postilas, o que se tem feito?

6 - Qual a principal preocupação da Q.T.G.?

7 - Os laboratórios estão atendendo às necessidades atuais?

8 - Sabendo que em algumas catedras os trabalhos de la-
boratório se prolongam após as dezesseis horas, qual a razão
alegada pela Diretoria da Escola para vetar a proposta de Q.T.G.
de ministrar aulas noturnas para os dependentes?

9 - E a viagem de estudo para os alunos de Q.T.G. à mi-
nha de cervão em Sta. Catarina realizar-se-á?

10 - O que o Sr. acha da representação dos alunos no Con-
selho Departamental, do C.T.A. e na Congregação?

11 - Como se poderia solucionar, na Universidade Brasileira,
o problema da seleção econômica nos vestibulares?

12 - Como vê o problema da frequência?

13 - O Sr. acha possível conciliar a necessidade de trabalho
de muitos alunos com a exigência de frequência obrigatória?

14 - Como vê a nova estruturação da Universidade de São
Paulo em departamentos?

Gato do Mato

JOAO BATTISTA

Da pequenez da velha casa, não cabendo mais ninguém de tanta gente: primos, tios e outros tantos que eram muitos. E nem férias nem casamento, isso sim que era. Têlia filha única de minha tia Sinhana e mais do meu tio Fecundo — isso no apesar do casamento... que Têlia é filha mas é... Sinhana mais do Pedro Grande chamado o capataz antigo de meu tio. De diz que diz em diz ou diz, enfim se sabe; se... que Têlia ligando, é hoje... da vida inteira no trabalho, fez muito, fez a vida fez a mais; num fez Têlia. To Fecundo é hoje um homem velho nos seus só quarenta anos — e braços velhos

fatigados e pendidos — para frente no andar são braços de enxada solta-sol. Caladão en-simesmo o no seu sentar diário bem perto da porteira do curral, olhando o longe distraído. Pensa pouco fala pouco, assim no sempre de, de moço, ainda nos tempos de conhecer a tia minha, sua esposa — tempos em que Pedro Grande era um amigo de paz. Pedro Grande e amigo de paz em que hoje e água bem profunda no peito de meu tio; hoje, Pedro Grande, no meu tio, é muito ódio. Nos poucos tempos de depois de já a saúde foi que despenhou o mal: Tio Fecundo não podia dar um filho a minha tia, não podia. Nos meus anos se passando, deu no que deu; no que tinha que dar, deu. Foi que, aí, meu tio nem bem cabendo deu a surra na mulher e, a o-l-go, man-ou

eta embora — nisso, Pedro Grande já bem longe da fazenda, conhecendo tio Fecundo com ele conhecido. E minha tia foi-se a pé por entremet, o arrzal, chorando desespero e medo dos esbravejos loucos de meu tio. O arrzal dava já seus primeiros cachos enfeitados, e as gentes trabalhando se esquilavam na enxadas causa de toda censa. E minha tia sumiu, na estória, tres meses oito dias cinco horas; e voltou u foi voltado... teceu que nos começos meu tio só e couriu o am... que... pela raiva do que sentia. O tempo vai passando; a falta da costia ao lado a o-lidão em casa — de que nunca se acostumava. Sendo todo caladão sentia falta, nas horas de sem trabalh sentia falta a falta fina e sem final da minha tia; das horas de deliciar ouvindo. — «Fala S'a Sinhana, fala». Isso assim, o fogo muito lento se esquentando, foi indo ao lado, que fazer? — «Val Fecundo, vai» — que só dizia seu Onório — amigo morto e meu tio. — «Val, Fecundo, e Fecundo foi Cavallo — preparad de arriata do casório, traz lembanças se aprontou mais adentro rumo pra cidade. Caminho na-

da, de atalho pelo mato causa da pressa de chegar. A cipada riscando brusco o rosto sério, nem sentir sentindo. De muitas vezes titubeia e faz que vai voltar; porém não pode mais, que isso senta. Pedro Grande imagosa bem criadas pela frente dos caminhos, misturando amor saudade e ódio — ódio ódio do amigo capataz. De nada lhe va cismos cinco ou seis peças colocados por dinheiro atrás de Pedro Grande pra matar — não houvesse quem achasse. Tudo isso na cabeça fogarenta de meu tio, e assim chegou. Sem mais problemas: pegou da minha tia no meio mesmo da rua é pron o, levou pra casa. Tu o muito certo, mas tia Sinhana já trazia Têlia da barriga — fat: dito, fato acelta. Restou no tio só a mágoa. E agora no casório já primeira Têlia, que se sente Tio Fecundo bem de fora da festa dança matutando na beirada da porteira, revivendo detalhes o sua vida e odiando muito o Pedro Grande. Pedro Grande que era o pai e que não vinha ver a filha no casório, coisa essa que todo mundo pensa e que pouca-pouco foi virando dia que dia no meio da festança. E Rosi-

na, da Mata Verde, foi que noticiou: Pedro Grande presente na região. A... foi to, tia Sinhana meio que intranquila meio que ansiosa, Prima Têlia nem de nada se sabendo. Foi até que a justiça do casamento veio Têlia la de baixo, do casarão, por força de chamar o pai: — O pai, vem que carece do senhor vir e estar... Fecundo meio que tristonho na menção de se levantar não fez — viu o vulto vindo lá no longe no vazar, que viu e se espantou. Lá... Pedro Grande nas escuras a cem metros; se escondendo pelas cerros do curral. — «Val, filha que já...» — «antes, porém mato a o gato do mato comedor de...» — «E, causa do sorriso a filha casadora, se afirmou: — «Val e diz que vou pra já». Já Têlia se saando, já tio Fecundo se arrumando apressado, pra seu quarto, passando oculto na janela. Pegar o epica-paus — que se carregava e bela boca. Exagerou na pólvora lá guardada de muito tempo e se esmerou no chumbo Gato-do-mato. Foi: pum! e a cara faz de sorrir e de meu tio no meio do pólvora, fez o casamento.

484

O barroco

O Aleijadinho



O barroco retrata fielmente a época em que viveu. A era das guerras religiosas é melhor explicada pelos quadros pintados na época do que qualquer livro sobre o assunto. O surto do Barroco começou com a Reforma em meados do século XVI e terminou com a morte de Luiz XIV, pouco depois de 1700, prolongando-se no entanto um pouco mais em certas zonas da Europa.

A arquitetura barroca era feita, visando o conforto dos edificadores de palácios, sem traço de elegância ou conforto higiénico, a semelhança de enormes celeiros inabitáveis.

O nome de "barroco", dado a este estilo, eviden-

cia o desdém dos homens da Renascença eça ereção dessas enormes pilhas de pedras. Na Espanha, um "borroco" era uma perla enorme, de feitio irregular, uma formação bivalve, mais grotesca do que bela.

Após Calvino e Lutero houverem se rebelado contra a ordem cristã (católica) de então, mergulhou o mundo numa guerra de trinta anos, após um século de contendas e divergências ideológicas. As brigas entre protestantes e católicos terminaram numa trégua mais funesta, pois confirmava o artigo III da paz religiosa de Augsburgo, do ano de 1555, o qual autorizava os soberanos a imporem a fé aos seus súditos, sem levar em conta os desejos da maioria.

Dividindo-se a Europa em uma infinidade de principados de religiões adversas foi a igreja da Idade Média obrigada a representar o seu clássico papel de igreja militante.

Foram forçados os artistas a seguir a ordem então vigente. A pintura deixou de ser pintura para se tornar em meio de propaganda. A igreja perdeu o seu caráter de culto e meditação para se tornar

local de reunião de membros de uma mesma seita religiosa. O altar barroco era feito mais para impressionar do que para inspirar o crente.

O barroco chegou defasado no tempo, ao Brasil. A corrida do ouro à Minas Gerais — os materiais novos (pedra-sabão), por ex) traz elementos interessantes aos seus aspectos brasileiros, destacando-se a figura genial de Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", nascido por volta de 1730 e falecido em 1814.

Corcunda, deformado, rude, transmitiu as suas estátuas um realismo místico impressionante.

As torças, museus de Ouro Preto e Congonhas do Camo mostram o arquiteto e escultor que era o Aleijadinho.

Ajudado por seu escravo (Maurício?) que atava aos seus cotos, os braços foram devorados pela doença atrofiante e cínica e o mártir, sua figura leontaria transmitia através das pedras uma imagem da chetividade de homem contra as adversidades da vida. — ETA A AR

IRINEU CAMPOS

POLI-VOLANTE O QUE FOI, O QUE É

de tempo (uma semana) em que foi organizada, fez um sucesso que superou as nossas expectativas.

Inicialmente tivemos um Show no Teatro da Medicina, cujos integrantes eram alunos das duas Escolas. Em seguida houve um baile, também na Faculdade de Medicina. Conclusão: Sucesso total.

Essa realização do Grêmio Politécnico por intermédio de seu Departamento Social tem como objetivo principal realçar a Integração Universitária. Cumpro observar que pela primeira vez se realiza a uma programação deste gênero na Universidade de São Paulo. Portanto, nós da Pol. temos o mérito de haver idealizado e realizado uma programação de tão grande importância no meio universitário.

Infelizmente a próxima Poli-Volante que estava programada para o mês de junho não mais se realizará neste semestre. Isso se deve ao fato de não termos conseguido alugar o TAIB para a parte teatral da programação. Portanto, aguardem para o próximo mês de agosto a 2.ª Poli-Volante.

De nossa parte estamos felizes pois cumprimos uma parte do trabalho que nos confiou o Diretório do Grêmio Politécnico.

Partiremos para outras realizações e para a Integração Universitária.

A Equipe do Depart. Social

11 De março
Coquetel

foi permitir um real e congratamento entre mestres e discípulos assim e não fazer uma recepção aos em usasmados bichos. Para comemorar tivemos a inauguração a Nova Indumentária da Sede.

No início do coquetel tivemos a oportuidade de ouvir a palavra do Prof. Tharcisio Dary de Souza Santos Diretor da Escola. Em seguida ouvimos a oração do colega João Mázio Avelino de Avelar que discorreu sobre o Grêmio e a atuação do p. litemico na cenário nacional.

A partir de esse momento houve a distribuição de doces e bebidas aos presentes. Ao mesmo tempo se iniciaram os conchavos entre professores e o belo sexo que se dizia presente. Depois de este contato inicial aconteceu um baile que se prolongou até as três horas da noite.

Queremos aqui neste comentário, registrar nos elogios e agradecimentos ao Departamento Feminino por intermédio de suas associações desdobrou-se em esforços para bem servir aos colegas. Infelizmente devido ao elevado número de convidadas não foi possível uma boa organização na distribuição de bebidas. Fazemos votos que no próximo coquetel não venha acontecer.

Representando o corpo docente encontramos: Prof. Tharcisio D. de S. Santos e Sra. Prof. W. ... De parte dos alunos observamos a presença no Presalente do Grêmio Politécnico membros do Diretório, Diretores

de Departamentos, além de outros alunos e um grande número de carceas.

Presente ainda também as meninas do Sêdes, Filosofia & Bento e Filosofia U.S.P.

Em suma esta foi uma boa promoção do Grêmio Politécnico onde lamentamos somente a desorganização ao servir os convidados.

Tivemos oportunidade de realizar, juntamente com a Faculdade de Medicina Ribeirão, a nossa 1.ª Poli-Volante. Isto se deu no dia 26 de abril passado. Apesar do pequeno espaço

Aconteceu, no dia 11 do mês em curso, um coquetel na Casa do Politécnico. Estava presente grande parte do corpo discente e reusado número do corpo docente da Escola.

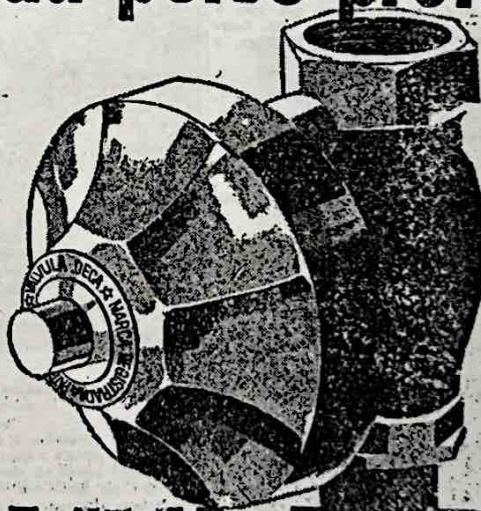
A finalidade precípua deste

Até breve
CHARLES STEPS

CURSO:
INTRODUÇÃO A
HISTÓRIA DA
MÚSICA

485

preferida pelos profissionais



VÁLVULA DECA

GARANTIDA POR 10 ANOS — ASSISTÊNCIA TÉCNICA IMEDIATA F. GRATUITA

...e é preferida porque é a única:

fabricada de bronze e fácil para acionar, mesmo sob as pressões mais elevadas, por causa do seu exclusivo comando de duplo estágio e amplamente regulável para funcionamento imediato, econômico e perfeito, entre 0,8 e 80 metros de coluna d'água.

Um produto



ARTEFATOS DE METAL DECA S. A.
RUA LIBERO BADARÓ, 862 - 1.º ANDAR - FONES: 22-0907 - 21-1970 - END. TELEG. METALDECA - SÃO PAULO

Iniciando o ciclo de 8 aulas tivemos 2.ª feira, a primeira aula de introdução à História da Música; onde o prof. Demian Coscia - brindou-nos com músicas medievais do século VII ao século XIV.

A aula foi bastante concorrida e esperamos que um maior número de ouvintes esteja presente na próxima 2.ª feira.

O curso está sendo oferecido gratuitamente pelo GRÊMIO através do departamento social. As 2.ª e 4.ª feiras às 20 horas. Da Casa do Politécnico.

Saudações

GILBERTO DUPAS

Com um frente dos meus olhos está a mesa rústica, feia, cheia de rabisões e inscrições.

Passo a vista por ela. Lá estão nomes de meninas, desenhos, frases sem peço, equações e formas estranhas e esquecidas, quase apagadas pelo tempo.

Cada linha, cada marca confusa convida-me a um mergulho no lago profundo do passado.

Lá vou eu revendo, lembrando, sorrindo... De repente meus passos fugitivos param e eu contemplo inevitável, triste, uma inscrição bem feita, viva, contrastando com a desordem pálida daquele mundo.

«Estaremos sempre juntos, pois a distância só aumenta a verdadeira amizade — Tiago, Cardoso, Dupas, Limonge —».

Uma angústia calma cai sobre o quarto. Ao meu lado a cama vazia...

Vejo o deitado, após o jantar:

— «Pretinho», toca a flauta!?

Ele tentava, experimentava e lá ia o som quente do piano, a sua gostosa enchendo a penumbra.

Continuo a percorrer triste os caminhos da minha imaginação.

Vejo-me então atarefado: o Pol.Campus tem de sair amanhã, tenho a noite já ocupada. Como é que vai ser? Ainda temos de bater tudo...

Saia e, ao voltar, quem me abriu a porta era um barulhinho gostoso: tec, tec, tec... tec. Lá estava Limonge a bater, discreto, as folhas azuis do estencil. Trabalho chato, cansativo, ninguém ia notar. Mas ele alegre:

— Oba! tec, tec... tec... hei, o que está escrito aqui, meu chipa? É para mudar de linha? tec, tec, tec...

E ficou bonito, feito com carinho, com capricho.

— «O ano que vem vou trabalhar no Politécnico», dizia.

Dizia, mas não pôde cumprir.

E' interminante, parece um sonho... Mas será que não é mesmo, será que não estou sonhando? Lógico, claro, é isto. Logo acordar e então, tudo estará como antes: a cama, o prego, a flauta.

Mas passa-se o tempo e a cama continua terrivelmente vazia, o prego sem as notas de um cravo espetadas, a flauta, silenciosa. E lá está o mesmo céu bonito, avermelhado, que admirávamos nas tardes claras de verão, fazendo-se sentir que algo de muito precioso se foi.

Vejo a escada de pedra, o terraço velho do vizinho. Sinto vontade de dizer bem alto:

— «Preto, olha lá a máquina. Está no terraço tomando sol. Vem ver...»

Mas parece que ninguém me ouviu. A distância aumentou e levou a inteligência apurada, o olhar esperto, o sorriso alegre.

E nem lhe perguntaram se queria, se estava de acordo.

Morreu como nasceu: sem ser consultado... Como é estranho, isto acontecer com todos nós, pequeninos seres preciosos e insignificantes. Somos tudo e nada, podemos tudo e não podemos nada.

Olho novamente o céu. Ele continua vermelho, fulgurante, lídico, como a querer provar, feliz, que não há razão para tristeza, que, afinal, sua missão foi cumprida.

Mas, estranha contradição, uma pequenina nave em forma de lágrima aparece, agora, no horizonte.

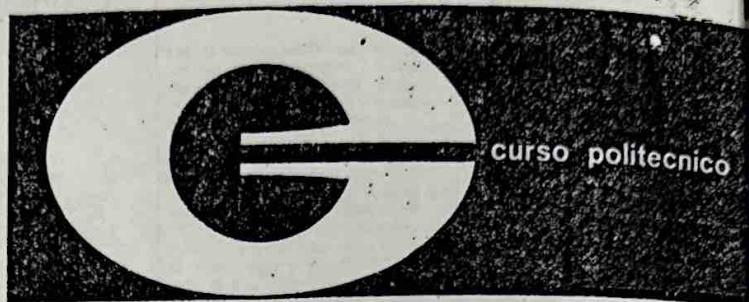
Nota da Redação: É esta a homenagem ao colega José Carlos Limonge membro da equipe de «O Politécnico», que infelizmente não pode participar de seu primeiro trabalho neste jornal.

Páscoa do Politécnico

Dia 7 de junho

18 horas

Colégio Sta. Inês



Preparatório às Faculdades de Engenharia, Arquitetura e Filosofia

- * ambiente universitário
- * corpo docente selecionado e com longos anos de prática
- * alto índice de aprovação nos vestibulares anteriores
- * distribuição gratuita de apostilas
- * tarefas quinzenais, provas e exames simulados
- * completo desenvolvimento do programa
- * salas de aula da Escola Politécnica
- * restaurante do Grêmio Politécnico

486

* Curso semi-intensivo com início em agosto, com desenvolvimento total do programa

Curso Politécnico — Grêmio Politécnico da Universidade de São Paulo — Praça Fernando Prestes, 74 — Telefone: 36-1017

Impressões de Estágio

ARIOVALDO FREDES

Foi uma espécie de férias úteis, se é que podemos chamar férias úteis.

Quando pensei em fazer estágio durante trinta dias na Usina de Xavantes (em construção), da USELPA, não poderia imaginar as influências que produziria em mim tal atitude. — E sensacional!

Os amigos que já fizeram algo semelhante sabem e os que ainda não fizeram, ficarão sabendo agora, que, uma obra de interior uma espécie de mundo da civilização diferente, na qual os homens são fisicamente idênticos aos comuns, as leis são análogas, porém, as atividades das pessoas são honestas e os valores são espontâneos. — Como é difícil escrever!! Puxa!

Tentarei em seguida fazer uma visualização dos aspectos mais importantes desta obra, a saber: — o técnico e o humano. Este último, eu considero por demais, importante, pois, dele praticamente depende o primeiro (a execução).

Faço questão de iniciar, dizendo que se trata de uma obra, onde se trabalham brasileiros, incluindo Ante-projetos, levantamentos, projetos, planejamento execução etc. — Tudo é nacional, creiam.

A Usina de Xavantes, pertence ao sistema USELPA (Usinas Elétricas do Paranaíba), — é a terceira que está sendo construída, sendo que o sistema compreende sete usinas em cascata, todas no rio Paranaíba e das quais duas (Jurumirim e Salto Grande), já estão em funcionamento.

olhos. A capacidade do péso brasileiro (pró, Beyle, é o padrão sem especialização alguma).

Pois bem, uma manhã, como tivesse chegado novos sapatos mecânicos para compactação, diferentes dos que estavam acostumados a trabalhar, que por cima eram bem mais leves

— não conseguia controlar o riso, ao ver um péso trabalhando com um destes sapatos. — O homem era extremamente escandaloso, pulando junto com o aparelho. — Sem exagero, o homem fazia um carnaval desgraçado com o sapo. — Pois, a tarde, pagamos os colegas, o camarada já tinha inventado um novo modo de trabalhar; deixou o escândalo de lado e produziu horrores. — Situação como esta é uma constante nas grandes obras, pois o mesmo que me foi informado.

Além dos conflitos técnicos, técnicos que trouxe de Xavantes, aos quais devo a minha atual paixão pela Engenharia Hidráulica (Mazzel), não discutia, não são vocês estruturas, mas sim nos hidráulicos que construímos barragens! — fazer contas, qualquer um faz, tá!!), as coisas não foram poucas, outra coisa ficou gravado em mim. — as pessoas de alguns

mantém uma vila onde vivem suas famílias. — Nesta vila, existe provavelmente o ambiente mais cordial de toda alta Sorocabana (mas que Anísio Beau?).

É sabido por quase todos nós, que o interior é completamente diferente da capital. — Sua gente é mais solícita, sem ser servil; as pessoas são extremamente sinceras e dotadas em geral de bondade pois, nesta vila, tudo isto é a realidade. Desde os primeiros instantes a gente é obrigada a gostar daqui.

Um assunto muito importante e que os colegas devem estar interessados em saber, é sobre as condições de vida do engenheiro na obra (solteiro, é evidente). Existe nesta obra, um alojamento novo (Poll. 62) nestas condições e é de quem diz serem boas, pois agrada e o mesmo que em São Paulo, só que os gastos são reduzidíssimos. — A vida social, ao contrário do que parece, é intensa, pois está cheio de boas cidades nas proximidades. Uma coisa importante, também precisa ser observada, é que no interior brasileiro, um engenheiro é, antes de tudo um engenheiro (perdão Eudylces). — Sentem o drama?.

Finalizando, dou abaixo alguns dados técnicos comparativos da obra.

* As estimativas das obras, realizadas nas obras de Xavantes são do ordem de 7 milhões e 100 mil metros cúbicos volume equivalente ao realizado na construção da Via Anhangabara, entre São Paulo e Jundiaí.

* O Volume de concreto estrutural exigido pelo projeto atingirá a 250 mil metros cúbicos, quantidade suficiente para pavimentar 120 quilômetros de estrada de rodagem do tipo de Via Anchieta.

* O cimento a ser consumido nas obras (1 milhão e 500 mil sacos) requer para seu transporte 5 mil viagens de caminhão, ou 2 mil e 200 viagens por vagão de estrada de ferro.

* As formas de concreto reclamam o emprego de 150 mil metros quadrados de madeira que poderiam cobrir área correspondente a 21 quilômetros de estrada pavimentada de 7 metros de largura.

* As 5 mil toneladas de ferro que vêm sendo empregadas naquelas obras dariam para estruturar 100 prédios de 10 andares com 400 metros quadrados, por andar.



487



A barragem é de terra. — que foi a melhor solução encontrada pelos engenheiros, diante da situação geológica local. — Possuo também uma parte de eurocamento. As partes de concreto da obra são: — vertedouros, bacia de dissipação, canal de descarga, casa de força etc. — De concreto ainda, são os túneis e condutores forçados (já prontos), que servem ao desvio do Rio. Operação que deve ser efetuada nos próximos meses.

O novo estágio (tomou um dia, eu e o Fabio Raimundo). Foi de observação, isto é, entrar em contato com o problema, mas, nunca resolvê-lo — existe gente mais capacitada para isso. — Cumprimos o nosso dever; olhamos tudo e sempre que possível, nos informamos dos detalhes. Como é diferente das aulas e negócios. É impressionante!! É extremamente difícil descrever tudo e mesmo que qui-

zasse, talvez não conseguisse colocar as coisas como ela realmente são.

A impressão que se tem ao ver lagas com dois metros de espessura, túneis com um metro de espessura, parecendo xerxo a milanesa, dada a origem deste material é que está errado, os cálculos estão errados. — não é possível!!! — Ou será que eu não sei resistência?, clá!! — Acabei me acostumando. Conclusão: Eu não sei resistir graças as palestras do Engenheiro Chefe da Obra (Poll. 64 e grande chupa). É impressionante como existe coisas que a gente não percebe. Esta é uma razão que justifica qualquer estágio.

PARSEMOS A OUTROS

PONTOS

Uma coisa grata aos nossos

engenheiros e funcionários me foi conhecido.

É o máximo! — comentava eu com o Fabio, algumas noites depois de uma dia... vá lá três Bramhas no saguão do hotel — como é que pode uns caras desses em Xavantes. E realmente, é de se estranhar, que em uma cidade onde nem as Usinas Paranaibanas existem (Juro de pé, juntos que procurei e não achei), se encontra caras desse tipo. — Por exemplo, conheci um engenheiro japonês (do Japão) chefe do setor de concreto, que é demais — Bom profissional. — Super interessado por Engenharia — Não puxa o saco (coisa rara) — Colecionador de borboletas — Grande batopapo — apreciador de boas vinhos, boa música e do arroz. — Quando penso em alguns amigos japoneses que tenho, sinto arrepios.

Dentro da obra, a USELPA

Festival do

CINEMA

FRANÇÊS

O Departamento de Cultura do Grêmio Politécnico promove, com abertura em abril e encerramento em junho, um Festival do Cinema Francês, constando de onze programas onde ver-se-á filmes desde 1898 até obras recentes de 1962.

Já no ano anterior uma experiência nesse sentido fora feita, não pelo Departamento de Cultura, mas pela Casa do Politécnico em colaboração com o Serviço de Documentação da Universidade de São Paulo, — realizando-se o Festival de Cinema Italiano que ocupou todo o segundo semestre escolar com um total de dezenove filmes. Essa experiência anterior forneceu alguns dados: primeiro, como elemento positivo, houve grande receptividade sendo de tresentos espectadores o número médio por filme (espectadores que compreendem do o espírito da programação, colaboraram MESMO com pequena parcela de dinheiro por exibição); segundo, como elemento negativo, sem intervalos de tempo demasiado longo, de comprometer o interesse pelo Festival e, em gozar demasiadamente os elementos que o organizam já que para cada projeção existem problemas especiais. Desses dados concretos a etapa atual: um outro Festival, agora Cinema Francês, em condições de programação análogas e menos extensas que o anterior, procurando não errar mais.

O Cinema Francês, como não poderia deixar de ser, não apresenta as mesmas características do Cinema Italiano. O Cinema Italiano tem um caráter predominante social não se originando uma das maiores etapas da história do cinema mundial — o neo-realismo. No ano anterior importantes obras dessa escola foram apresentadas: "Países", "Alemanha, Ano Zero", "Umberto D.", "O Teto". Já o Cinema Francês não se caracteriza pelo social: berço do cinema que nasce com as primeiras projeções de Lumière fornece, ao longo de sua história, a forma da linguagem cinematográfica. No ano passado, no início do cinema sonoro, o cinema é dominado pelas pesquisas de René Clair; no presente, no cinema contemporâneo, o jovem cineasta Alain Resnais marca no cinema francês e mundial uma nova etapa na linguagem cinematográfica. Ao longo, todo um conjunto de obras ficaram como clássicas, entre as quais veremos "A Bêta Humana", de 1928, baseada no romance de Emile Zola e realizada por René Clair; "Um condenado à morte escapou só", a fuga real de um prisioneiro de um carcere nazista realizada pelo grande Robert Bresson, que foi no passado e é no presente um dos grandes cineastas do cinema mundial. No cinema francês também é comum os filmes do gênero "realismo negro" do qual um dos maiores nomes é H. G. Clouzot de quem veremos o maravilhoso famoso "O salário do Medo". Por mencionar mais, a "Certe Negra" temos "Crisble" de Jacques Becker, um cineasta que somente no fim de sua vida teve oportunidade de realizar as obras desejadas. Chegando-se no cinema francês contemporâneo encontramos nos com esse movimento que tantas repetições tem, a novidade, vague.

Quanto a orientação propriamente dita do festival, paralelamente a uma preocupação cultural, pretendendo-se também uma escolha relativamente comercial dos filmes, pois de nada adianta apresentar-se obras herméticas e de debate a um público que muitas vezes ouve pela primeira vez (como é o caso dos eslozes calçados, falar na proposição (cinema é arte). Talvez, numa segunda etapa a ser realizada, no segundo semestre oriente-se para o culturalmente.

Acompanhando o festival, ouvir-se-ão curtas metragens, entre elas, "Nuit et Brouillard" de Alain Resnais.

Os Nove Meses

de

Deus e o Diabo

Walter Lima Jr.

A FÁBULA DE «DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL» É SIMPLES E DIRETA: UM VAQUEIRO E SUA MULHER QUE SAEM À PROCURA DE JUSTIÇA NO SERTÃO ABANDONADO E ENCONTRAM DEUS NA FIGURA DE UM BEATO E O DIABO TRANSFIGURADO EM CANGACEIRO. SUA CAMINHADA TEM DUAS TESTEMUNHAS: UM CEGO DE FEIRA, OU A MEMÓRIA DO SERTÃO E ANTONIO DAS MORTES, O PARADOXO DA TRANSFORMAÇÃO.

Extraído do Correio da Manhã

HA UM DADO IMPORTANTE NESTE FILME QUE PODERIA SER RESUMIDO NO ESCLARECIMENTO DE QUE TALVEZ SEJA O PRIMEIRO REALIZADO NO BRASIL COM A PREOCUPAÇÃO BÁSICA DE MANTER COM O PÚBLICO UM DIÁLOGO VIVO E FRANCO SOBRE A SUA HISTÓRIA E SEU DRAMA, E CONHEÇO POUCOS FILMES QUE, PARTINDO DE COMPROMISSOS ANALÓGOS COM SUA REALIDADE SOCIAL, TENHAM OBTIDO RESULTADO IGUAL NA COMUNICAÇÃO E REAÇÃO DA PLATEIA. EIS POR QUE DOCUMENTO O SEU NASCIMENTO, DA FILMAGEM A EXIBIÇÃO.

"Deus e o Diabo" foi rodado no interior da Bahia, na cidade de Monte Santo (mil e poucos habitantes) onde o equipe ficou hospedada, deserto de Cocorobó, Canudos, Canché, Feira do Santana e Salvador (cenas interiores). Seu primeiro dia de filmagem (18 de junho de 1963) produziu apenas uma tomada, feita em poucos minutos (chegada de Antonio das Mortes ao Monte Santo para conversar com o beato Sebastião). Na segunda tomada, a câmera engulpiu o tempo que decorrer os dois quilômetros de pedra e areia, via de penitentes, que liga o morro à cidade com as mãos abanando. O começo dos trabalhos só se deu cinco dias depois. A sequência foi reatada e filmamos durante todo o tempo disponível de luz solar. A tarde, quando voltamos à casa, estávamos com fome de câmera" parcialmente satisfeita. O curioso é que, mais tarde, todo este dia de trabalho não seria aproveitado na montagem final. Dal em diante, começa verdadeiramente o filme, isto é, a vivência que o empreendimento vai ganhando a partir do esforço de cada uma das pessoas que o cercam. Principalmente a cidade.

Estranho se uma localidade mergulhada em profundo clima místico, abandonada à própria sorte, exibindo a sua miséria de dentes amarelados, olhos apertados, barriga grande e do olhar aviltado, sentir-se reconhecida no seu esquecimento. Mas estranho ainda vê, já despertar deste estado letárgico de lembranças de Antonio Conselheiro, Padre Cicero e Lampião o testemunhar sobre a própria existência. Há ainda os que viram o passado glorioso, as tropas de Moreira César na praça escura que uno o separa, ao mesmo tempo, o residual aglomerado humano. Há os cegos, os velhos as "xelencias", os bônitos, as lanurrias, a boca, o sol, as crianças e os bichos que contam histórias sem abrir a boca. Há a satisfação do trabalho inespérado, a sensação de utilidade quase esquecida e, sobretudo, a alegria de ver a chuva caindo e poder abandonar aquela forma estranha de trabalhar brincando. E se estão é que descobrimos (já desconfiávamos) que temos interesses contrários; a chuva que revela o sorriso do lavrador e do humilde nos impede de continuar o trabalho. Mas a chuva é mais importante e por isso não nos incomodamos. Isto durante 15 dias.

Depois disso ela começa a preocupar, e incomodar. Em seguida é o ator que deve chegar mas não vem mais. Corre-se em hum,

488

na de substituto que por sinal é um bilhão de vezes superior ao que não veio. Depois surgem as estradas, a poeira, outras cidades, mais desertas e mais tristes; algumas até o rio Canudos, sem ninguém mais para ouvir o vento que grita acima dos telhados ou o deserto de Cocorobó, onde a chuva nunca caiu. E, de novo, Monte Santo, as caras conhecidas e já amigos, os bichos que já nos conhecem, a praça enorme e ensolarada. E neste momento a cidade vê-se invadida por quatro sujeitos vestidos de cangaceiro e meia dúzia de barbudos à frente, sobre lipes que levam tam poeira. E o trabalho continua. E de forma tão rápida que, muitas vezes a média de tomadas supera a expectativa. Domingo foram 20, segunda 26, terça 39. Chega.

Descobrimos então que cada há mais exterior, para rodar. Até os animais sentem essa despedida. Há um cabrito "Manda-bra-se", que berra pelos quartos vazios.

Finalmente, Salvador e, logo, a vontade maior de acabar mesmo o filme e voltar de pressa. De novo o Rio. O filme já existe mas parece que ninguém se apercebe disso. E preciso então fazer, fazer, emitir ruidos, fazer cantar. Esta operação terá de ser tão cuidadosa quanto a primeira, ou mais senão tudo estará perdido. Portanto, multiplicam-se os cuidados. De dia e de noite, sobretudo de noite. Só depois resolvemos deixá-la falar, cantar e emitir ruidos e música por conta própria. O filme está machado. Falta o batismo de fato e sua filiação. Surgem os retratos esclarecedores tudo. E com isso a prova de fogo: "Deus e o Diabo na Terra do Sol" será mostrado para os amigos e pessoas que desconham de suas qualidades. Também nos inimigos, democraticamente. E aí surge o inesperado: à saída todos são amigos do filme. Reputa-se a fama, confirma-se a experiência. Então o filme vai a Cannes e, já chegando, embarca os homens do Festival. Eles não sabem que um filme brasileiro pudesse ser tão novo, tão inédito, tão diferente. E ficam sem dizer nada. Falam mal o beato, até muito bem. Há até quem, como o crítico do Variety e importantes cineastas europeus, e considere o único filme merecedor do Grande Prêmio. Agora o filme tem data certa de estreia: 1.º de junho. Com o seu público, o brasileiro. Quanto aos outros, muito breve. "Deus e o Diabo na Terra do Sol" estará fazendo outros idiomas. E sem-estaque não volta.

O GAMELA

NOSSA

VEZ!

POLI-FEI!



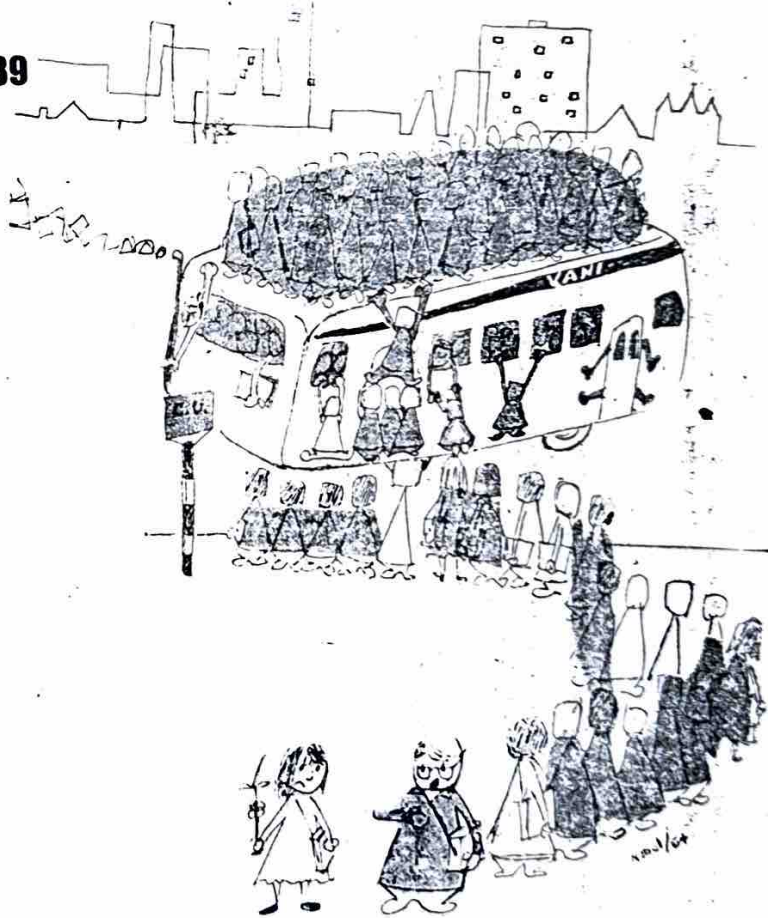
Com esse encanamento de Mac-Flu com Fiesca M, já se torna possível encanar giras com base.



E depois vai ser muito fácil fazer as instalações domésticas com esse novo invento Mekertri Flu. Vai luz elétrica e água, tudo de uma vez. Se falta quebrar um vidro, as lâmpadas quando quebram, encham d'água e estouram. Mas vocês verão que a solução virá.

LABORATORIO DE MECANICA DOS FLUIDOS DO ANO PASSADO

489



Sim desta vez a torcida poderá vibrar até o fim. Já é tempo de dar a esta torcida fiel um motivo de alegria e satisfação. Duas vezes já ficou frustrada. Desta vez precisaremos mais do que nunca da torcida pois foi ela um dos motivos que nos levaram tão perto da vitória na Mac-Poli. Sem ela seríamos um corpo sem braços nem pernas perdidos no meio da torcida deles.

A Poli-Fei este ano será a maior que a Mac-Poli e temos muitas chances de vencê-la. Também será patrocinada pelo Grapette, logo teremos troféus para cada modalidade e também um troféu geral que serão entregues no grandioso baile de encerramento. As medalhas individuais serão espetaculares.

Além da competição em si teremos que mostrar ao público esportivo que nós somos uma força de propaganda para poder contar com a colaboração deles em outras competições.

Teremos também o Bolo Esportivo da Poli-Fei, as provisões de modalidades sairá no Poli-Campus especial da Poli-Fei. Sempre há a necessidade de fundos para juizes de federação para que não aconteça o que se deu na Mac-Poli onde os juizes arranjados na hora sempre foram favoráveis no Mac.

Torcida! contemos com vocês. Metade da vitória depende de vocês. Sabemos que vocês não faltarão com o apoio que sempre nos é liberado dar. Nós os atletas faremos tudo para não decepcioná-los pois juntos somos a Politécnica.

ASSOCIAÇÃO ATLETICA

Estamos trabalhando este ano com uma verdadeira equipe em todos os setores e um erro de falta de coordenação ou de estratégia não desanimáveis. Estamos tentando fazer funcionar a A. A. A. F. como um todo homogêneo nos esportes, e sua organização em si, na divulgação de suas atividades e nas relações públicas.

As direções de modalidade coube praticamente toda responsabilidade de técnico, treinos e quadras; estão correspondendo a altura. Se certas modalidades ainda não estão indo bem como deviam, não foi por falta de vontade ou trabalho de seus líderes, mas sim por circunstâncias a hélas a eles. Com o racionamento de energia elétrica não podemos treinar à noite, mas sim organizar jogos treinos cujos horários e datas são incertos.

Levando em consideração as gestões passadas, vê-se a grande preocupação de transmitir a nós suas experiências, mostrando-nos o melhor maneira de funcionar a Atléctica é uma divisão eficiente de trabalho para que assim ninguém se prejudique nos estudos.

Nosso colega José Cyrillo, vice-presidente da Associação Atléctica, está fazendo um trabalho de invulgar rendimento na parte de comissão e inter-escolares ou seja, na organização da Mac-Poli, Poli-Fei, Pauli-Poli. Ele organizou também uma equipe de colaboradores e para melhorá-la ainda mais, pede nos interessados em nele participar que o procurem.

Estão em orientada fase de construção as nossas quadras na Cidade Universitária. Elas nos facilitarão a realização de competições internas no 2º semestre, valendo medalhas. Competições internas são mais trabalhos de realizar do que jogos oficiais por isso pedimos a colaboração de todos colegas para realizá-los.

Obtido até o próximo número!

HORARIO

- Dia 6 13:30 horas - Judô - Pacembu
- Dia 6 13:20 horas - Atletismo - Pinheiros
- Dia 7 9:30 horas - Basquete - Bom Retiro
- Dia 7 14:00 horas - Futebol - Pacembu
- Dia 9 14:00 horas - Remo - Tietê
- Dia 9 20:00 horas - Natação - DEFE
- Dia 10 19:00 horas - Handebol - Ibirapuera
- Dia 10 20:00 - Futebol de salão - Ibirapuera
- Dia 11 - 19:30 horas - Bola no cesto - Ibirapuera
- Dia 12 - 19:30 horas - Polo aquático - DEFE
- Dia 13 19:00 horas - Voleibol - Ibirapuera
- Dia 14 17:00 horas - BAILE DE ENCERRAMENTO - TRANSATLANTICO.

O POLITECNICO — maio de 1964

TERRORISMO CULTURAL

Tristão de ATAÍDE

O terrorismo cultural, como se sabe e temos visto de perto, é um dos fenômenos típicos do nosso século, do Extremo Oriente ao Extremo Ocidente. É mesmo um dos avanços mais convincentes contra a teoria do progresso contínuo da humanidade. Não falta até quem nele se apoie para aceitar a teoria oposta, do regresso contínuo, que uma série de pensadores alemães desenvolveu de pois da Segunda Guerra Mundial. As guerras e as revoluções excitam, como é natural, a euforia infantil dos vencedores e o desespero radical dos vencidos. É o que estamos vendo no momento, entre nós, graças ao clima de radicalismo extremista, aliás tão antibrasileiro, em que vivemos há muito tempo.

O terrorismo também é antibrasileiro e, por isso mesmo, a forma por que, ao menos até agora, se vem desenvolvendo entre nós ainda assume apenas os aspectos mais suaves e indiretos, como é por exemplo o terrorismo cultural, a guerra às ideias. Tivemos, em pouco tempo, exemplos opostos no mesmo sentido. No crepusculo do governo depositário, assistimos ao escândalo da não-recondução de Barreto Filho, como membro do Conselho Federal de Educação, por motivos puramente ideológicos ou políticos. Agora, quando pretendemos

ter feito uma revolução democrática, começamos logo utilizando os processos mais antidemocráticos de cassar mandatos, suprimir direitos políticos, demitir juizes e professores, prender estudantes, jornalistas e intelectuais em geral, segundo a tática primária de todas as considerações que seus métodos de alfabetização poder das convicções e detur a marcha das ideias.

Quando são demitidos dos seus cargos homens de reputação mundial no plano da educação, como Anísio Teixeira; no plano da sociologia, como Josué de Castro; no plano da economia, como Celso Furtado — simplesmente por pensarem de modo diferente da nova ideologia dominante — estamos no plano do terrorismo cultural. Quando se prendem filósofos puramente metafísicos, como um Ubaldo Puppri, não se sabe por que, ou jovens líderes intelectuais, como um Luiz Alberto Gomes de Sousa e outros, simplesmente porque se considera que seus métodos de alfabetização são subversivos — estamos no plano do terrorismo cultural. Quando a Polícia de um Estado da União baixa instruções para o sequestro do país e dita o seguinte: «Advertimos (sic) especialmente os órgãos da Ação Católica (sic)... para que se afastem e até se

abstenham (sic) de atividades incompetentes não somente com o seu programa, como — e é o que interessa ao governo — com interesses permanentes da nação e gerais da população — tal como Mussolini tentou fazer com a Ação Católica italiana, como se a Igreja do Brasil já estivesse sob a tutela de um Estado totalitário — estamos no plano do terrorismo cultural.

O ditatorismo autoritário é tão implacável com o esquerdismo revolucionário. Ambos se servem dos instrumentos de força do Estado para tentar dobrar as consciências e destruir as ideias. É a ilusão pueril de todas as revoluções. Pasternak foi vítima desse terrorismo cultural na Rússia soviética, como Matteotti na Itália fascista. Jesus Galíndez na ditadura de Trujillo, Edith Stein na Alemanha nazista, e García Lorca na Espanha franquista.

Os nossos estudantes, jornalistas, professores, sacerdotes, intelectuais, filósofos, ainda presos entre nós, estão sendo vítimas desse terrorismo cultural, tanto mais abominável quanto mais disfarçado. É tão profundamente antibrasileiro! Honra à Universidade do Chile, que convidou alguns para ali ensinarem!

Até hoje, nunca tive medo do comunismo no Brasil. Agora, começo a ter.

Folha de São Paulo, 7 - 5 - 64.

490

Estudo

valha, contra os golpes militares, os governos fêto e todas as formas de instabilidade política na América Latina.

Cientes, por experiência, do efeito escasso de declarações da OEA, teríamos preferido, em vez de uma proclamação, uma pergunta, por que houve desde 1945, na América Latina, nada menos que 49 golpes e posses de governos de fato? A resposta está pronta: é um trabalho, "Teoria da instabilidade do poder e da política na América Latina", do prof. Merle Kling, da Universidade de Washington, publicado em "The Western Political Quarterly" e facilmente acessível aos leitores brasileiros pela tradução na Revista Brasileira de Estudos Políticos (III, 5; Janeiro de 1959), editada pela Universidade de Minas Gerais.

O professor americano rejeita com desprezo as explicações genéricas (o clima, a raça, etc.) que parecem destinadas a justificar os golpes; querem apresentá-los como inevitáveis e para esse fim cometem o erro metodológico de explicar fatos dinâmicos por fatores estáticos.

Antes de tudo, o professor Kling define seus fa-

tores: a instabilidade política na América Latina é crônica; os golpes têm todas as aparências de revoluções, mas nunca modificam — como fazem as verdadeiras revoluções — a estrutura econômica e social. São quarteladas ou simples "revoluções de palácio". Definem-se como tendência de resolver conflitos políticos pela força sem resolvê-los realmente, deixando tudo como antes e mudando apenas os detentores do poder.

Quem são, antes e depois do golpe, os detentores do poder? E qual é a fonte do seu poder? A esse respeito o professor Merle Kling dá uma resposta que não é nada nova, mas que, por isso, não deixa de estar certa: a fonte do poder são os 70% da terra arável que se encontram em mãos do latifúndio (o professor americano manifesta, nessa altura, sua total descrença na possibilidade de realizar por via legal, reformas agrárias verdadeiras, porque o poder legislativo se encontra nas mãos dos ameaçados por uma reforma agrária). Esse poder, é, porém, em grande parte ilusório; pois o monopólio da terra é usado por uma agricultura de

exportação, cuja existência e lucros dependem de mercados estrangeiros. Por outro lado, encontram-se em mãos estrangeiras os serviços de utilidade pública, as jazidas de minério, etc..

Descontando das fontes e dos benefícios do poder aquilo que pertence ao latifúndio e aos estrangeiros, fica um resto: empregos na Administração Pública, favores dos bancos oficiais, etc. Por esse resto, para apoderar-se dele, lutam, constantemente as fações da classe média, uma das quais são os militares. Mas dessas realidades sociais nenhuma figura nas Constituições. Por isso são desprezadas como farrapos de papel pelos quais brigam os juristas como cães pelos ossos. Essas lutas permanentes explicam a instabilidade política na América Latina e a tendência de resolver os conflitos pela força física e de justificar o resultado pelos sofismas, e declarações da OEA não modificam esse estado das coisas.

Seria possível modificá-las? Antes, é preciso conhecê-las, estudá-las. Para isso não serve a ciência infusa dos que exploram, com notável atraso históri-

co, a geopolítica e a jurisprudência dos nazistas alemães, embascando os fregueses de conventículo — em vez de ler as excelentes publicações da Universidade de Minas Gerais, enquanto ainda houver publicações.

Um grupo de trabalho, na OEA, do qual também faz parte, aliás, o Brasil, prepara uma declaração ou proclamação ou coisa que

Correio da Manhã
— 20-5-64

Otto Maria Carneiro